



PALESTINA

OS NOVOS
PACIFISTAS
DO

Médio Oriente

Em setembro de 1993, Israel e a OLP surpreenderam o mundo com o reconhecimento mútuo, nos Acordos de Oslo. A primeira Declaração de Princípios fez história mas fracassou. Duas décadas depois, fomos ouvir histórias de coexistência e corresponsabilidade, de Telavive a Hebron

REPORTAGEM DE **MARGARIDA SANTOS LOPES** (TEXTO) E **UDI GOREN** (FOTOS), EM ISRAEL-PALESTINA



AMIZADE A MUÇULMANA NOOR E À JUDIA ANAT TINHAM TUDO PARA SEREM INIMIGAS, MAS O SULHA PROJECT TRANSFORMOU-AS EM “MELHORES AMIGAS”

Sentado a uma mesa de reserva vitalícia, no popular Café Michal, na Rua Dizengoff, em Telavive, Uri Savir não esconde que é um homem ocupado. Chefe dos negociadores israelitas dos Acordos de Oslo, Savir estava a preparar a festa do 90º aniversário do Presidente Shimon Peres e a dirigir o YaLa Young Leaders, movimento no Facebook que, em dois anos, já uniu 400.000 jovens, da Argélia ao Iémen.

Aos que o inscrevem nas categorias de *professional peacemaker* e *normalizer* — epítetos usados, quase como assassínio de carácter, pelos que advogam “boicotes culturais e desin-

vestimento económico contra um regime de *apartheid*” —, Uri Savir, 60 anos, defende-se: “Não considero os meus esforços a favor da paz como um emprego. Acredito que uma solução de dois Estados é possível no meu tempo de vida. Sou um otimista obsessivo.”

O YaLa nasceu em maio de 2011 a partir do Peres Center for Peace, que Savir também preside. “O maior movimento *online* pela paz” apresenta-se como “agente de mudança positiva, em prol da liberdade, igualdade e prosperidade”. Entre os seus muitos “padrinhos” estão a diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, o anti-

go treinador de futebol do Barcelona Pep Guardiola e os vice-presidentes do Facebook, David Fischer, e da Microsoft, Dan'l Lewin.

Savir é o fundador e líder, mas quem integra o comité diretivo são jovens de vários países, do Magrebe ao Golfo Pérsico. Quando olha para os números que acaba de receber, o diplomata a quem Peres confiou a tarefa de “falar com o inimigo” em 1993, fica extasiado: “O Egito é o maior grupo, com 105.000 membros. Seguem-se a Argélia, Marrocos e a Tunísia. Os palestinianos totalizam mais de 23.000 e os israelitas são quase 15.000.”

MILITANTES DA PAZ
DA ESQ. PARA A DIR.,
A DRUSA RANYA
FADEL, A PALESTINIA-
NA OHOOD MURQAT-
TEM, A JUDIA AMERI-
CANA MEGAN HALLA-
HAN E A JUDIA-ÁRABE
SARAH BENAZERO,
DO MOVIMENTO YALA

O VETERANO URI
SAVIR FOI UM DOS
NEGOCIADORES DE
OSLO E IMPULSIONA-
DOR DO YALA



**"EM 1993 FORAM
AS ELITES QUE SE
SENTARAM À MESA –
E NÃO AS SOCIEDADES.
AGORA, EU CHAMARIA
OS JOVENS"**

“Vemos aqui o presente e o futuro da região”, acentua Savir, que parece um hippie, ostentando símbolos de paz num colar, em pulseiras, numa pregadeira com o rosto de John Lennon e a inscrição “Give peace a chance”. Sobre o passado, continua comprometido com “os parâmetros de Oslo”, para assegurar “dois Estados”. O processo falhou, admite, mas nega o óbito. A “prova de vida” foi dada, em seu entender, com o reatamento das negociações sob impulso do secretário de Estado norte-americano, John Kerry.

“Oslo foi uma conquista histórica porque o conflito deixou de ser existencial. Até 1993, os palestinos nunca haviam reconhecido a legitimidade da existência de Israel, e Israel jamais havia reconhecido a legitimidade da identidade nacional palestina. Estabeleceu-se uma relação política, para o bem e para o mal.” “É preciso muito tempo para chegar a uma solução, talvez mais uma década ou duas, mas isto é normal num conflito grave”, adiantou Savir. “Nas transições do ódio para a coexistência, o problema está no meio, porque no meio não se obtém nada em troca. O retorno só chega no fim. O mais importante é ter coragem, e hoje falta coragem aos líderes em Israel e na Palestina. Ambas as partes estão hipnotizadas pelas narrativas do passado. Achamos que somos as únicas vítimas e que todos estão contra nós.”

OS JOVENS DA FAMÍLIA YALA

O que é que Savir mudaria se Oslo fosse negociado hoje? “Teria conduzido um processo mais democrático e mais inclusivo”, responde. “Em 1993, foram as elites que se sentaram à mesa —

e não as sociedades. Agora, eu chamaria os jovens.” E chamou-os, para o YaLa Young Leaders. Em Telavive, caminhando 5-10 minutos desde o Café Michal, o ‘escritório’ de Uri Savir, ponto de encontro de malta nova atraída pela comida *veggie* e música *indie*, entramos numa sala equipada com computadores e telefones, um frigorífico e um microondas, várias cadeiras de plástico e um sofá.

Formando um retângulo, vários jovens fixam os olhos nos monitores à sua frente. Auscultadores nos ouvidos, nem desviam o olhar para retirar das embalagens batatas fritas, bolachas e chocolates com que saciam a fome. Só se levantam para preparar chá e café ou ir à casa de banho. Estão em linha com outros em vários pontos do Médio Oriente e Norte de África. Discutem tudo, em sinal aberto ou fechado — um dos fóruns requer registo.

Ranya Fadel, 34 anos, uma das líderes do YaLa, já sabia o que era “coexistir”. Em Dalyat el-Carmel, no Norte de Israel, onde nasceu, os drusos, como ela, e os judeus não apenas vivem lado a lado como partilham a cidadania e servem o mesmo exército.

Tal como Ranya, Ohood Murqatem, palestina muçulmana, nascida há 26 anos em Hebron e habitante de Ramallah, é uma mulher independente. Os pais, embora analfabetos, esforçaram-se para que os filhos tivessem formação universitária. Licenciada em Media e Televisão, foi no YaLa que Ohood, coordenadora para a Cisjordânia, juntamente com o cristão Thaer Abdallah, informático de 22 anos, descobriu o valor da palavra solidariedade.

Com um diagnóstico (inconclusivo) de esclerose múltipla, doença incapacitante, Ohood perdeu o emprego em 2011, “por decréscimo de produtividade”, num ministério da Autoridade Palestiniana. Uma caixa de injeções para evitar crises que a paralisam custa, por mês, cerca de 1100 euros. Mesmo quando não pode trabalhar, o YaLa paga-lhe o salário. A colega Megan Hallahan, que trocou a América por Israel, envolveu-se numa campanha para financiar os tratamentos e permitir que ela seja assistida “por um bom especialista”. Ohood exulta: “São a minha família!”

Desta família também faz parte Sarah Benazera, judia-árabe, filha de argelinos, nascida em Paris há 30 anos. “Eu partilho a história dos muçulmanos em França, mas o antissemitismo, numa parte da esquerda e nos filhos dos imigrantes magrebinos, obrigou a que viesse para Israel”, disse Sarah, com um mestrado em Filosofia Política da Sorbonne, que coordena o blogue ‘YaLa Cafe’ e um novo projeto, YaLa Africa.

Tom Dolev, 27 anos, não precisou de muito tempo para entender “o outro lado”. Um dia, contou este jovem baixinho, com um duplo mestrado em Física e Cinema, e divertido como o rosto trocista de Einstein estampado na sua T-shirt, combinou um encontro em Ramallah. Primeiro, ficou espantado quando se apercebeu que podia ir até lá de autocarro. Depois, assustado quando quem esperava se atrasou e um estranho se aproximou. “Pensei: ‘vai matar-me’, mas só veio pedir emprestado um isqueiro.” O mais bizarro aconteceu quando a mãe telefonou a perguntar se lhe tinham roubado o cartão de crédito. “Eu tinha levantado dinheiro numa caixa ATM, e o banco ligou para minha casa porque achava impossível que um israelita tivesse feito isto na Cisjordânia.”

Um dos líderes do YaLa desde há quase dois anos, Tom é mais cético do que Uri Sa-

vir sobre uma solução para o conflito: “Não tenho a certeza de que ainda seja possível dois Estados. Ideologicamente, para mim, isso não é importante. Interessa-me apenas que o Estado, israelita ou/e palestino, seja democrático.”

OS IRMÃOS-INIMIGOS BASSAM E RAMI

O sol despede-se de Jerusalém e é com a chegada do crepúsculo que o palestino Bassam Aramin evoca o dia 16 de janeiro de 2007, quando um soldado israelita matou Abir, a sua filha de 14 anos. À mesma mesa, no restaurante-terraço de um hotel, está o israelita Rami Elhanan, que perdeu Smadar, a filha de 14 anos, num atentado suicida palestino, em 4 de setembro de 1997. Os dois pais, que se tratam por “irmãos”, pertencem ao Parents Circle-Family Forum, que une famílias enlutadas nos dois campos do conflito. Não procuram vingança, apenas justiça. Podem ser vistos no documentário “Within the Eye of the Storm” (<http://withineyefofstorm.com>), classificado pelo Sundance Institute como “uma história única, de amor e esperança”.

“Abir atravessava a rua depois de um exame de Matemática”, conta Bassam, 45 anos. “Eram 9h30 da manhã. Não havia distúrbios em Anata [na Cisjordânia]. Apareceu um jipe com agentes da Polícia de Fronteiras e um deles alvejou-a na cabeça. Preciso de perguntar ao assassino por que razão fez aquilo. Não me interessa se é judeu, druso ou beduíno. Não posso aceitar que esteja em liberdade.”

“Houve um grande julgamento e Bassam ganhou o processo civil, mas não o criminal”, interrompeu Rami. “As autoridades negligenciaram deliberadamente a investigação. Não recolheram provas. Não entrevistaram testemunhas. O Supremo Tribunal concluiu que ‘nada pode ser confirmado’. A Polícia de Fronteiras fez tudo para que houvesse muitas dúvidas.”

Bassam retoma a sua história: “Fui detido aos 17 anos, por lançar granadas contra uma



UMA DOR COMUM

O ISRAELITA RAMI ELHANAN E O PALESTINIANO BASSAM ARAMIN PERDERAM UMA FILHA CADA UM, AMBAS COM 14 ANOS, MORTA PELO ‘CAMPO DO OUTRO’. PERTENCEM AO PARENTS FORUM, QUE JUNTA FAMÍLIAS ENLUTADAS DOS DOIS LADOS DO CONFLITO

Expresso

Há 40 anos a fazer opinião

PREBUILD[®]
WE MAKE IT HAPPEN

QUERO
ESTUDAR
MELHOR

QUERES
ESTUDAR
MELHOR?
PAGAMOS
PARA VER.

TEMOS 30 BOLSAS DE ESTUDO
PARA ATRIBUIR.

O Expresso e a Prébuild financiam o teu curso superior. Mostra que tens a vontade e a capacidade para fazer sempre melhor e damos-te todas as condições para o ingresso e conclusão da tua formação. Não percas tempo.

sabe mais em:

WWW.QUEROESTUDARMELHOR.COM



À ESPERA DA PAZ

A PALESTINIANA NIBAL RAJ NO CHECK-POINT DE QALANDYA. COM A ISRAELITA DAFNA SCHWARTZ, DIRIGE O SULHA, MOVIMENTO PACIFISTA CRIADO EM 2000, EM PLENA SEGUNDA INTIFADA, POR UM ANTIGO COMANDANTE MILITAR DE ISRAEL



patrulha do Exército. Condenaram-me a sete anos de prisão, onde pedi para ver 'A Lista de Schindler'. Nunca tinha visto um filme sobre o Holocausto. Queria ver alguém torturar e matar judeus, e sentir-me vingado. Mas bastaram alguns minutos para começar a chorar. Aquelas crianças, mulheres e velhinhos a caminho da morte, só por serem judeus. Fiquei furioso. Porque é que eles não resistiram?"

Em 1993, o ano de Oslo, o pai de Abir foi libertado. "Parecia que a paz estava ao virar da esquina", disse. "Quando vi crianças palestianas, em Jenin, a oferecer flores a soldados israelitas, abandonei a luta armada. Não mudei o objetivo pôr fim à ocupação. Sigo uma via diferente."

Em 2003, casado, com seis filhos "e sem tempo a perder", Bassam descobriu, "atônito", que havia *refuzniks*. Um dia, juntamente com outros dois antigos prisioneiros, marcou uma reunião com alguns desses israelitas que recusavam o serviço militar nos territórios ocupados. Um ano depois, vencido "o medo uns dos outros", criaram a organização Combatants For Peace. "Quando Abir foi morta, o meu maior apoio foi Elik, a quem mataram a irmã."

Elik é um dos filhos de Rami, 63 anos. "A morte da minha filha deixou Israel em estado de choque, porque ela é neta do defunto 'general da paz' Matti Peled", salientou Rami, um designer gráfico que combateu em três guerras (1967, 1973 e 1982). "Smadar foi morta por um bombista suicida na Rua Ben Yehuda, em Jerusalém. Eu ia a caminho do aeroporto de Telavive quando recebi uma chamada da minha mulher [Nurid Peled-Elhanan, Prémio Sakharov 2001], dizendo que Smadar estava desaparecida. Procurámos por ela de hospital em hospital; de esquadra em esquadra, até irmos à morgue. Tudo mudou naquele instante. Eu vivia numa bolha de vidro, e a bolha rebentou-me na cara."

"Não esqueço nem perdoo", frisou Rami, "mas tive de me perguntar sobre as razões que levam alguém a fazer-se explodir e a levar consigo uma menina de 14 anos. Teria eu contribuído de alguma forma? A resposta foi sim, porque fechámos os olhos à opressão de

3,5 milhões de palestinos. É um pecado e pagamos pelos pecados."

Foi Bassam Aramin quem convenceu Rami a juntar-se ao Parents Circle-Family Forum, em 1998. "Assisti à primeira reunião com relutância, até ver famílias palestianas que se dirigiam a mim, me abraçavam e choravam comigo. Até ali, os palestinos eram apenas operários e terroristas — não seres humanos. Foi o ponto de viragem na minha vida."

"Acho que a paz ainda é possível após o fracasso de Oslo — dois Estados, um Estado ou os Estados Unidos do Médio Oriente. A chave está no respeito — pela narrativa, história e dor de cada um. Não me importaria que Bassam fosse o meu primeiro-ministro." E ambos ficam a olhar para as fotos de Abir e Smadar no ecrã do telemóvel de Rami.

SULHA PROJECT

Anat Shuhman é uma ruiva judia, filha de imigrantes russófonos que serve no Exército israeli-

ta e vive num dos primeiros colonatos, Ma'ale Adumin, nos arredores de Jerusalém. Noor Assi é uma morena muçulmana que reside em Kfar Bara, uma de três aldeias árabes no Pequeno Triângulo da Linha Verde que políticos extremistas israelitas querem transferir para um eventual Estado palestino em troca da anexação da Cisjordânia.

Ambas com 19 anos, Noor e Anat têm tudo, segundo os estereótipos no Médio Oriente, para serem inimigas, mas o Sulha Peace Project transformou-as em "melhores amigas". Os responsáveis por este afeto são um antigo comandante militar, Elad Vazana, e uma professora palestina, Nibal Raj. Ele ajudou a fundar o projeto; ela e a israelita Dafna Schwartz são diretoras. Foi no auge da Segunda Intifada (revolta palestina), em 2000, que nasceu o Sulha. O nome deriva de um ritual de reconciliação entre os beduínos quando procuram pôr fim a contendas.

Conhecemos Noor e Anat no Oásis da Paz: Neve Shalom, em hebraico, ou Wahat al-Salam, em árabe, os nomes oficiais de uma "aldeia cooperativa binacional" com menos de 250 habitantes e 60 famílias, a meio caminho entre Telavive e Jerusalém.

Um encontro do Sulha Project estava marcado para uma sexta-feira de manhã em Beit Dumia/Bayt Sakinah (Casa do Silêncio), uma das três escolas da aldeia. Elad foi até ao *checkpoint* de Qalandya para trazer Nibal. O Exército não a deixou entrar em Jerusalém, vinda de Ramallah. Ela tem um bilhete de identidade israelita, porque nasceu em Lod, cidade mista, mas só evitaria o posto de controlo se viesse de carro — e não sabe conduzir.

Influenciada por Nibal e Elad, que enviou um e-mail para a sua aldeia a convidar jovens, Noor Assi aderiu ao Sulha Project em abril último. "Sempre me interessei pela coexistência", explicou a jovem que usa o *hijab* (lenço), sinal de devoção religiosa. Mais de 90% dos cerca de 3000 habitantes de Kfar Bara são muçulmanos, e o partido dominante (e legal) é o Movimento Islâmico de Israel. "No primeiro encontro, estava nervosa, por ser muita gente junta durante quatro dias, não por ter de conviver com judeus. Ironicamente, conheço mais judeus do que palestinos da Cisjordânia e de Gaza. Fiquei maravilhada com a experiência, porque as pessoas dizem mesmo o que sentem. Não camuflam a realidade. Sem falarmos de política, sentimento-nos próximos e não estranhos."

Nem todos, no seu círculo familiar e de amigos, aceitam que Noor, aspirante a assistente social, esteja presente em atividades como "fogos tribais", onde se canta e dança. "Não é fácil. Como árabe de 1948 [os que ficaram após a criação de Israel] a minha situação é complexa. Em Israel, sou vista como 'terrorista' e desprezada; na Palestina, sou considerada 'israelita' e rejeitada." ●

revista@expresso.impresa.pt

**"TERIA EU CONTRIBUÍDO
PARA A MORTE
DA MINHA FILHA? SIM.
PORQUE FECHAMOS
OS OLHOS À OPRESSÃO
DE 3,5 MILHÕES
DE PALESTINIANOS"**